

FORMAÇÃO DA IDENTIDADE E SOCIALIZAÇÃO NO LIMOEIRO

**Petronilha Beatriz
Gonçalves e Silva**
Da Pontifícia Universidade
Católica/RS e da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul

P

retendo, neste estudo* descrever, a partir de conversas e reflexões feitas com pessoas do Limoeiro/RS — especialmente alunos da escola de 1º grau, e de textos por eles escritos — fatos, pensamentos, opiniões que possam ajudar a identificar circunstâncias, motivos que fundam, hoje, a formação da identidade — socialização de negros trabalhadores rurais, que aí vivem. Acredito que tais fatos, pensamentos, opiniões são signos, que no intercâmbio da comunicação, se expõem, ao expor um jeito de ser, de viver, de enxergar as coisas, as pessoas. Não são dados isolados, mas pontos de um projeto de vida que os liga como se fosse uma rede. Rede que carrega dados passados da comunidade de destino dos que conversam, e porque passados, presentes, aqui e agora, arremessando-se para o futuro.

Tentei, durante as conversas, ouvir, perguntar, responder, evitando tomar como padrão de entendimento as idéias pré-concebidas a respeito do modo

de agir e de ser dos negros, sejam as cultivadas pelos negros que, como eu, se esforçam por valorizar o nosso modo próprio de ser.

A descrição não é resultado de uma interpretação pessoal, mas de interpretações formuladas por pessoas que conversaram sobre um tema que as interessa.

Pergunta Orientadora

A elaboração da identidade própria se faz com os outros, afirmando sua singularidade frente a eles e através deles. Os trabalhadores rurais negros, antes de mais nada, por serem negros, e também, por serem trabalhadores, têm uma identidade doada, imputada por aqueles que detêm o governo da sociedade, o poder econômico.

O mundo circundante, entendido como o quadro cultural-social-econômico, concretizado nas situações que estão bem próximas, estabelece fundamentos do ato de fazer-se e refazer-se, o qual dá o sentido que a vida de cada um toma. Tais situações, no caso dos negros e dos trabalhadores, os impedem de criar e expor sua identidade própria, uma vez que lhes é outorgada uma, inventada e alimentada por aqueles a quem convém manter as diferenças sociais e que, para isso, tentam suprir o que há de distinto, peculiar no modo de ser de uns e outros.

As situações próximas, as circunstâncias, entretanto, ainda que constriam a identidade de cada ser humano e de sua comunidade aos limites que oferece, não o cerceiam indefinidamente, não cortam suas raízes, irremediavelmente.

Nas circunstâncias de hoje, momento presente, afloram, com maior ou menor nitidez, posturas, gestos que são motivados por valores, escolhas, sofrimentos, realizações passadas. E não só os pessoais, antes desses, os da comunidade histórica. As ações e compreensões atuais, movidas pelas passadas, coletivas e pessoais, contêm essas enquanto passado que se projeta no futuro. Tratam-se, pois de motivos que fazem as pessoas, as comunidades moverem-se numa direção. Não são fatos exteriores, mas sentidos, significados que exprimem, traduzem a visão que o grupo tem do mundo, da vida, do trabalho, e das outras pessoas, das opressões que sofrem. Significados que vão sendo construídos, reforçados, superados, ao longo da existência.

A largura e a profundidade do fosso que separa, em sua identidade, o negro africano, trazido prisio-

* Este trabalho foi apresentado, durante o Seminário, na mesa sobre Identidade. Nota da Redação.

neiro para ser escravo, do negro brasileiro de nossos dias, é imensa. Entretanto, as terras do fundo do fosso unem as duas margens, por ali correm vida e energia passada que se presentificam hoje, aqui e agora, sendo o motivo isto é bases para presentificação do hoje, aqui e agora, no futuro.

A conquista, pelos negros da espontaneidade de manifestar seu próprio modo de ser, da naturalidade de assumir seu papel na sociedade sem negar sua origem negro-africana, de agir de livre vontade são gestos, sinais que mostram a consciência da história antiga-recente-atual-vindoura, assumida não por pessoas isoladamente, mas pela comunidade dos negros.

História essa que fornece a seiva da identidade e que está presente na vida de todos os negros, mesmo dos que socialmente agem, pensam ou fingem pensar como se fossem brancos, ou como se as desigualdades, as divergências entre negros e brancos houvessem desaparecido.

O esforço deste estudo é tentar reconhecer e compreender os traços morais, históricos, culturais da identidade dos negros, que embora abafados e transformados, permanecem. Empreendimento difícil, mas tem que ser começado. Nessa tentativa, a pergunta orientadora é: que circunstâncias e que motivos fundam, hoje, a formação da identidade-socialização de negros trabalhadores rurais, no litoral norte do Rio Grande do Sul?

Referências Teóricas

A formação da identidade se constitui ao longo da existência de cada um, na sua família e com sua família, seu grupo social, sua comunidade. É processo de fazer a sua vida, de lhe dar direção, no seio de uma cultura, de uma sociedade. É ao mesmo tempo, participação na construção da cultura, da história da comunidade.

Com os parentes, os vizinhos, os amigos, cada pessoa vai tomando conhecimento da vida, aprendendo histórias, modos de trabalhar, de se comunicar, de se divertir, e assim, aprendendo modos de agir, caminhos a seguir. Vai fazendo e refazendo seu próprio destino, ao participar da comunidade. Tudo isso, diz um habitante do Limoeiro, dá base para vida (Palmares, 1986, p. 3). A identidade que se vai formando é a base para se ir vivendo.

Identidade que se afirma e confirma, quando cada pessoa toma consciência do mundo, ao tomar de si própria. Movimento em que, conforme explica Fiori (1986, p. 4) consciência e mundo "ganham realidade", "identificando-se um através do outro", através dos objetos e das pessoas que nos atraem e os quais tendem para nós.

Formam, elaboram suas identidades, pessoas que convivem, pondo-se à disposição umas das outras, espelhando-se, trocando, criando conjuntamente concepções, modos de ser. Se a relação se estabelece pela imposição da identidade de uma sobre a da outra, mutila-se em sua humanidade, a do que impõe, por ser a única considerada, bem como

adormece, é abafada a do que se vê absorvido.

Incluir, absorver todos numa pseudo identidade uniforme, tentando suprimir as diferenças, ao desconhecê-las, foi atitude do europeu "civilizador, salvador de almas", que se instalou na América, abalando, derrubando, massacrando, ignorando a maneira própria de interpretar o mundo dos primeiros habitantes, bem como daqueles trazidos para cá como escravos (Dussel, s.d. p. 10-2). Hoje, os que detêm o poder do capital, que determina as relações entre as pessoas, entre estas e o mundo, ao confiscar dos trabalhadores os meios de produção, ao desapropriá-los do seu saber, dos seus valores, abalam sua identidade, impedindo-os de se configurar responsabilmente, de acordo com sua vocação enquanto ser humano, de decidir o sentido da produção de sua existência (Fiori, 1971, p. 3-5).

Embora os oprimidos não possam manifestar abertamente seu modo próprio de ser, este não é anulado ou esquecido. As ações que chegam a empreender em conjunto, visando superar as relações antagônicas com os que os oprimem, mostram seu modo próprio de estar no mundo, ainda que fortemente marcado pelas imagens que o grupo antagônico lhe impõe (Gramsci, 1981, p. 5-15).

Tais ações são exemplos de que nos "porões", a sua identidade continua se construindo e é capaz de se manifestar, com liberdade, através de brechas que encontra abertas. Agem com liberdade, no sentido que Merleau Ponty (1945, p. 501) descreve a circunstância "com liberdade", isto é, integrando-se ao seu grupo, na situação que ele vive, e com ele assumindo responsabilidades, tomando decisões baseadas no seu próprio modo de ser, de encarar a vida, de vivenciar o mundo.

Isto é formação da identidade. Identidade que não é um ato individual, pois apesar de ser vivida pessoalmente, só pode ser expressa no frente a frente com as outras pessoas do próprio grupo e com outros grupos. A identidade de cada um, então, está vinculada a uma classe, um grupo social, uma comunidade que a afirma e confirma. Formação da identidade e socialização, pois não são dois fatos que num determinado momento se interrelacionam. São duas palavras que deveriam expressar o mesmo ato de construção da pessoa humana.

Quando se fala em socialização, se está pensando em intercâmbio entre pessoas, entre essas e produtos culturais, em assimilação de regras sociais, comportamentos, valores. Tudo isso, não necessariamente no sentido de que cada um aceda a sua humanidade, mas no de que passe a fazer como, a arremedar os que se julgam os mais humanos dos homens, e por isso devem ser imitados.

No Brasil, "ser humano significa ser branco" (Luiz et al., 1979, p. 69; Moura, 1983; Mira, 1983; Souza, 1983; Fernandes, 1984; Silva, 1986) rico, impor seus desejos. Assim, para os negros, bem como para outros desfavorecidos pela sociedade, formação da identidade e socialização são dois processos que se confrontam, interpenetram, dominando este sobre aquele.

Tem-se chamado socialização, relativamente às crianças, a sua aproximação da sociedade mais ampla, a sua introdução em ambiente de fronteiras e horizontes além da família e da comunidade. Para as crianças das classes média e alta, isso se dá através da escola. Para outras crianças, nas cidades e no campo, entre elas a grande maioria dos negros, se dá, antes de qualquer coisa, na luta pela sobrevivência, seja através do trabalho, ou também, infelizmente, do roubo.

Trabalho e roubo que são mais do que meios para ganhar a vida, representam formas de se por na sociedade, ou aceitando suas normas e servindo-a — o trabalho — ou transgredindo suas regras, agredindo-a — o roubo.

Procedimentos de Pesquisa

Fui ao Limoeiro, a primeira vez, para realizar um estágio na escola rural ali localizada. Depois disso tenho lá estado muitas vezes. De abril a novembro de 1986, no quadro do Projeto Educação e Cultura no Meio Rural do Programa de Educação para o Meio Rural, as professoras da escola do Limoeiro, os alunos e eu desenvolvemos uma experiência visando o aperfeiçoamento dos textos escritos pelas crianças.

O presente estudo foi organizado a partir de textos escritos pelos alunos e por pessoas da comunidade, incluídos em *Histórias do Limoeiro* (Escola, 1986), livro organizado a partir da experiência anteriormente citada, registro de observações, entrevistas não estruturadas.

As perguntas das entrevistas, feitas primeiramente com a intenção de compreender o modo de ser das crianças, da comunidade, para poder melhor me integrar e trabalhar na escola, abrangem os seguintes pontos: o que caracteriza o gaúcho do Limoeiro? Como é o trabalho que as mulheres fazem? E os homens? Por que vocês vêm à escola?

Mais tarde, me dei conta de que as respostas a tais perguntas ofereciam dados para refletir sobre a formação da identidade das pessoas que ali vivem.

Os dados estão no interior das expressões das pessoas, no seu comportamento diante da vida, do trabalho, da sociedade, da família. A linguagem falada é o veículo mediador entre o pesquisador e as pessoas com quem conversa, "revela um ao outro na sua subjetividade, e os une na medida em que um compreende o outro e a si próprio, ao compreender o mundo onde se dá o encontro. A linguagem revela, então, a objetividade do mundo rural, que é constituída nas trocas entre sujeitos: a pesquisadora e as pessoas com quem conversa" (Silva, 1985, p. 65-6). Por isso não só perguntei, mas me dispus a responder, contribuir; participação que se constituiu na síntese do que tinha na minha bagagem de conhecimentos com o que aprendi com as pessoas do Limoeiro.

O estudo resultou numa descrição que pretende refletir a experiência vivida pelas pessoas do Li-

moeiro a partir do convívio com a pesquisadora, se afastando o mais possível de ser o que Geertz (1978, p. 19) chama "nossa construção das construções de outras pessoas". Ser uma "reflexão que descreve o experimentado como foi experimentado" (Caballero, 1983, p. 75).

O Contexto

O Limoeiro é uma comunidade de trabalhadores rurais, quase todos eles descendentes de negros africanos, que para lá foram levados como escravos. Situa-se no distrito de Bacupari, do município de Palmares do Sul, no litoral norte do Rio Grande do Sul, distando, aproximadamente, 124 km de Porto Alegre. Liga-se à sede e ao município vizinho mais próximo, por meio de estrada, nem sempre transitável durante tempo chuvoso.

No Limoeiro, há três grandes fazendas onde se planta sobretudo arroz. E ao longo da estrada da Cavalhada, que atravessa a localidade, se encontram as Chácaras dos trabalhadores rurais. Segundo contam, antigamente, "os patrões quando não queriam mais um empregado, porque estava velho, davam um pedaço de terra". Hoje, não fosse "a ganância do arroz ir chegando e explorando, querendo tomar conta da estrada", o número de chácaras seria maior. Muitas foram vendidas aos fazendeiros, quase sempre por "troco mais de nada" (Silva, 1986, p. 123).

Os primeiros portugueses que se instalaram por ali, de acordo com a memória da comunidade, quando vinham tomar posse das terras doadas pelo rei de Portugal, já traziam seus escravos (Escola, 1986, p. 20), os quais há muito afastados da África e por força dos maltratos sofridos, haviam "esquecido de sua cultura" (Marques, 1985).

Todos são tios e primos. Descendem do Benjamim, negro escravo, vindo de Santa Catarina e do Gabriel, filho de uma índia. E, como Sthal (1981, p. 336-7) registrara a respeito de camponeses balcânicos, a identidade de cada um está ligada ao grupo de parentesco. Entre si, se reconhecem pelos traços físicos, como deste ou daquele ramo; o mesmo acontece com pessoas de fora que com eles tenham convívio. O parentesco os mantém numa comunidade biológica e também biográfica.

A fazenda é o ambiente onde são concebidos, nascem, crescem, vivem e morrem. Fazenda, que em nosso país, segundo Diegues Júnior (1960, p. 69-79), originada dos valores lusitanos, propriedade privada e família, foi núcleo de povoamento do território, base de desenvolvimento econômico, ambiente das relações entre raças, de "entrecruzamento de valores de cultura", e onde se estruturaram as classes sociais.

Os negros do Limoeiro são hoje, trabalhadores permanentes das fazendas ali existentes ou de outras da redondeza. O patrão, para eles, é autoridade além dos limites da sua propriedade (Silva, 1986, p. 131), significação essa que trabalhadores na mesma situa-

ção, em outras regiões, também atribuem a seus patrões (Carvalho & D'Incao, 1982, p. 63; Forman, 1979, p. 13).

A descrição

A descrição que se segue não é uma seqüência de fatos, de observações e de conclusões. Muito antes de ser um trabalho acadêmico, se constituiu em trocas entre negros que ao conversar sobre sua identidade (de negros) recriavam-na, afirmavam-na, e já buscavam estratégias para torná-la reconhecida na sociedade.

Trabalhar e divertir-se

Os trabalhadores do Limoeiro consideram trabalhar um dever seja porque o serviço deve ser mantido em dia, há necessidade de ganhar dinheiro para comprar alimentos, não convém ficar ocioso, desejam produzir mais e ganhar mais.

O trabalho não é só meio de ganhar a vida, é maneira de se pôr à disposição da família, na comunidade, na fazenda. Atendem para os exemplos: os alunos da escola afirmaram que trabalhar e brincar é do que mais gostam; um menino escreveu ser uma criança feliz, porque é muito trabalhador; uma menina apresenta sua mãe, dizendo que ela gosta de trabalhar; outro menino descreve seu pai como bom motorista, pois sabe dirigir bem e dá carona quando as pessoas pedem; uma senhora diz que, como todos na comunidade, "faz semana redonda", isto é, sem dia de descanso; os homens sentem orgulho em contar que com oito, nove anos de idade, já trabalhavam ou na roça da família ou na lavoura do patrão.

As primeiras atividades de trabalho são para ajudar a mãe na manutenção do asseio da casa e no cuidado com a criação de pequenos animais. Mais tarde assumem ocupações com o cultivo de alimentos para a família.

Todos vêm de descendência de pais que já se criaram plantando. O plantar, apesar dos esforços e fadigas que acarreta, é feito com prazer. O plantar exige saber sobre o clima, os ventos, as chuvas, a terra, o modo de tratá-los, requer paciência, cuidados, espera.

Sobretudo os meninos, desde muito cedo, realizam atividades remuneradas. Há pessoas, em especial homens que por falecimento do pai, ainda crianças se tornaram arrimo de família. Os meninos, durante as férias escolares, limpam valos, replantam mudas; se souberem conduzir tratores, o seu trabalho também é utilizado em diferentes períodos do plantio e colheita. E ao concluir as quatro séries de ensino que a escola oferece, já se fazem empregar. As meninas, ao deixar a escola, vão ser cozinheiras, serviçais em casa de familiares dos fazendeiros, o que leva muitas a se deslocarem para a sede, outras cidades vizinhas ou Porto Alegre.

A fazenda é apresentada como o mais importante ponto de referência para o trabalhador e sua família. Ali, se encontra ou perde emprego, aprende a trabalhar, garante a subsistência, muitas vezes reside, busca realizar o seu ideal de homem e de mulher.

A partir da fazenda, por intermédio do patrão, se faz a ligação com o mundo exterior. São exemplos disso: o menino que para ir à escola, dependia de cavalo emprestado pelo patrão; a família cuja esposa faleceu, e coube ao patrão todas as providências dos funerais, avisar os parentes; a senhora que foi reprimida por vizinhos e familiares, pois ao sentir o marido mal de saúde, levou-o para o hospital, sem consultar o patrão.

O patrão em relação a seus empregados se põe como empregador, chefe, mestre, benfeitor, conselheiro, podendo se tornar feroz censor, se contrariado. Deve ser obedecido, merece ser respeitado e deve ser evitado o que possa prejudicá-lo. Assim, um empregado, afastado do seu trabalho devido a doença ou outras razões, sem direitos sociais, porque nunca foram pagos os encargos da Previdência, não denuncia aquele que continua chamando de patrão. Pois a sua família trabalha para os donos daquela fazenda, por tradição desde o pai, o avô, o bisavô escravo.

A fazenda interessa ao trabalhador não apenas como fonte de emprego, também como lugar onde torna real, por sua ação direta, um produto que, diferente do da roça caseira, ultrapassa os limites da subsistência própria e da família, atinge pessoas e lugares desconhecidos. É produto que o projeta, embora clandestina e surdamente, para além da sua chácara, da fazenda onde trabalha, da sua comunidade. Sulcando a terra com o trator, lançando a semente, estudando e mantendo o nível da água na lavoura de arroz, tangendo o gado, aramando cercas, o trabalhador realiza uma obra que, no seu ponto de vista, o engrandesse. "Ali eu sou livre", dizia um senhor, no sentido de "ali eu construo", embora seja uma construção ditada por regras que ele não ajudou a estabelecer e cujo conjunto e abrangência não se lhe dão ciência ainda que vez e outra, ele se dê conta. Manifestações como as que seguem, vislumbram consciência, do que se passa: "Quem é bandeirinha, sinaliza para o avião largar o veneno, não dura muito; se não morre, fica louco"; "estão construindo mais silos, para guardar mais arroz, esperando o preço"; "quando a gente é criança, trabalha sem parar, depois a gente vai vendo que trabalha e só quem ganha é o patrão, a gente fica sempre na mesma, então começa a ter horário, a não trabalhar demais".

A fazenda, com sua lavoura de arroz, com tudo que contém e representa de uma estrutura social e econômica que se impõe ao trabalhador, configura para ele um certo tipo de vida, de alimentação, as possibilidades de ganhar e até mesmo de perder a vida, as aspirações. Aspiram, quando, meninos manobrar tratores; adultos, ter uma lavoura de arroz, na esperança de lucro. Condições de vida, de trabalho, aspirações, impostas.

As mulheres não têm o mesmo apreço pela fazenda que os homens, pois os trabalhos da fazenda, em geral, dispensam a mão-de-obra feminina, obrigando-as, muito cedo, a emigrar; o trabalho de doméstica, para o qual elas encontram emprego, é muito vigiado, além de se constituir num eterno recommençar; os trabalhos das mulheres e crianças que exigem pouco esforço físico, não são considerados trabalho.

As meninas têm a intenção de prosseguir estudos, ainda que poucas o consigam, à custa de sacrifícios, e aspiram ser professora, veterinária, até mesmo bancária ou secretária. A mãe de uma delas se perguntava "como é que as brancas vão se ver com o serviço, já que as negras não querem mais cozinhar".

As mulheres fazem as ligações da comunidade com a cidade, são mais desembaraçadas para aí se movimentar, resolver problemas. Diferentemente do homem, a mulher do Limoeiro ultrapassa os limites da chácara, da fazenda, da comunidade, não por participar de uma parcela da geração de um produto, mas devido ao fato de poder, muitas vezes timidamente, se colocar e deslocar na cidade, da mais próxima e menor, à mais distante e populosa: Palmares, Osório, Porto Alegre. O poder decidir-se na cidade, implica manejar outras formas de ver as coisas, de viver, isso parece contribuir para que as mulheres tenham aspirações mais corajosas, tendam para além dos limites da fazenda, da comunidade, sem que isso signifique abandonar o campo, pois costumam não gostar da vida na cidade. Esse comportamento das mulheres pouca diferença traz às suas vidas, já que cabe ao marido as decisões relativas à família, e ela obedece.

A fazenda ordena o trabalhar e o divertir-se do trabalhador e de sua família. As grandes festas — São Sebastião, em janeiro, festa dos brancos, dos fazendeiros; Nossa Senhora do Rosário, em maio, festa dos "morenos" e dos brancos pobres — têm sua data marcada pelos fazendeiros, em função das necessidades do trabalho na lavoura. Presentemente, uma e outra festa são de "todos", ficando resguardados papéis bem definidos: marcar a data, escolher os festeiros, organizar a festa, administrar as vendas e lucros é com os fazendeiros; limpar o salão, a igreja, o terreno, assar o churrasco é com os empregados. Durante as celebrações religiosas, no churrasco, no baile se cruzam empregados e patrões.

O divertir-se, no Limoeiro, seja participando da festa dos santos, ou dos bailes realizados no salão Flor do Sul, nos períodos de menos trabalho na lavoura, não significa ócio, atividades para encher tempo vago, distrair, desprender a atenção de alguma coisa difícil, penosa. Diversão é ali entendida como mudança de direção no curso do cotidiano, que é movimentada e motiva prazer, alegria, mesmo para aqueles que, durante a festa, desempenham funções que exigem esforço, atenção, cuidados, por exemplo, caixa, assador, porteiro. No divertimento, as pessoas se vêem liberadas da contensão que o trabalho

exige, ainda que a energia, o esforço, a atenção requeridas não sejam menos intensos.

O divertimento proporcionado pelas festas e bailes é programado, conversado, pensado, questionado, comentado. Os homens, as mulheres, as crianças constroem aquela alegria, não usufruem dela simplesmente.

No dia a dia, os momentos de relaxar não são propriamente diversões. Para as crianças, às vezes; para as mulheres, sempre, se confunde com o próprio trabalho: fazer croché, ouvir rádio, ou olhar televisão enquanto amassa o pão. Já para os homens, com certa freqüência, consiste em, após o trabalho, jogar cartas com os amigos ou ir a um armazém próximo beber cachaça e jogar.

Estudar: ler/escrever/copiar

A escola do Limoeiro é mantida pela Secretaria Municipal de Educação, com a qual as professoras se relacionam facilmente e da qual recebem, através das supervisoras, orientações administrativas e pedagógicas. Foi instalada há alguns anos, quando a localidade ainda pertencia ao município de Osório, por solicitação, pressão dos trabalhadores rurais. Aí funcionam duas turmas atendidas por diferentes professoras, uma de 1.^a e 2.^a séries, outra de 3.^a e 4.^a.

Ir à escola é um ritual por que se tem de passar, a fim de ingressar no trabalho remunerado e, por isso, embora se tenha 11, 12 anos de idade, assumir posturas de adulto. Algumas meninas, cujas famílias apóiam, especialmente as mães, vêem na escola uma possibilidade de outros horizontes, o que nem sempre se concretiza.

As crianças justificam o ir à escola pela necessidade de aprender "quanto vão ganhar" nos futuros empregos; assinar o nome, pois sabendo isso poderão ser até caminhoneiros; ler, para saber o que dizem as cartas, as faturas; escrever cartas para os parentes de outros lugares. Dizem que lá aprendem a respeitar, pedir licença, não fazer folia, não dizer nome feio, e pintar, escrever, fazer contas, ler, estudar.

Para os alunos da turma de 1.^a e 2.^a séries, ler e escrever é o mais importante, a seguir vem a atividade de plantar. Já para os do grupo de 3.^a e 4.^a a ordem é ler, plantar; escrever ocupa a última posição de longa lista. Julgam que escrever, depois que sabem juntar as letrinhas é "pela cabeça", copiando, fazendo composição, escrevendo cartas; agora "ler sozinho, entendendo é difícil", tem que "saber ler qualquer coisa, em qualquer livro". É importante lembrar que, ao final da 4.^a série, eles se consideram prontos, tendo aprendido o que a escola deveria lhes ensinar.

Ênfase é dada pelas crianças ao copiar: buscam sempre um modelo a seguir, aprendem copiando. A falta do exemplo, para apoio, os atrapalha.

Comparando, as maneiras como dizem aprender a trabalhar em casa, e a estudar e a trabalhar na escola, se vê o seguinte:

Em casa, a trabalhar	Na escola, a estudar e trabalhar
— Observar o que faz e como faz a mãe, o pai, a tia, o amigo.	— Observa o que faz e como faz a professora.
— Ajuda a fazer.	— Repete o que a professora fez.
— Faz sozinho, sendo observado.	— Faz sozinho, sendo observado.
— Vai recebendo tarefas das mais simples às mais complexas.	— Vai recebendo tarefas simples que pouco a pouco vão crescendo em complexidade, mas não muito.
— Aceita as dificuldades, o sacrifício.	— Reclama contra as dificuldades, o sacrifício, abertamente.

A escola aparece mais como divertimento, no sentido anteriormente explicitado, do que como trabalho. As obrigações e as exigências ali são menos rígidas do que no trabalho, seja na própria casa ou na do patrão. Ela é uma passagem, até certo ponto agradável e não demasiadamente penosa (os índices de aprovação da escola do Limoeiro, nos últimos anos, estão em torno dos 80%) da vida familiar para a vida do trabalho remunerado. Ela não contraria, ao contrário, reforça a identidade imputada pela estrutura patriarcal-paternalista-capitalista da fazenda. E assim sendo, ela não trata das contradições em que vivem esses pequenos proprietários-trabalhadores rurais negros, que se dizem morenos.

Dizer-se negro

Os negros do Limoeiro se sabem negros. No recinto da casa familiar, podem até se tratar de negros, mas fora se dizem e consentem ser tratados de morenos. A denominação moreno é aceita com constrangimento tanto pelo que diz como pelo que ouve, já que é ambígua e por isso mesmo preconceituosa, além de mostrar que os traços físicos são reveladores da identidade étnica que se quer escamotear.

Há pessoas, no Limoeiro, que afirmam ter a escola acabado com as divergências entre negros e brancos. Antigamente, se um branco entrasse no salão dos "morenos", os pais retiravam as filhas, e os negros não ultrapassavam a porta do salão dos brancos. Hoje, dançam juntos, são amigos. Uma senhora, impedida na juventude, de casar com o namorado branco, "porque o cabelo dela era duro", afirma com segurança que "essa história de negro e branco acabou, hoje, só o dinheiro separa". Entretanto, alguém contava que num baile, recentemente, na sede do distrito onde se localiza o Limoeiro, um branco reclamava do "cheiro dos negros".

Os negros do Limoeiro não se dizem negros e não têm presente, ou negam, sua origem africana. Na escola, uma menina ao ver fotografia de mocinhas de uma aldeia da Costa do Marfim, reagiu com violência: "Eu não tenho nada com essa gente, eu não tenho nada com africano". Um menino, ao se comentar a beleza das moças da foto, acrescentava: "Mas, tem negro que é feio. Credo!".

Certa ocasião, conversando sobre a formação do povo gaúcho, os alunos não incluíram os negros africanos. Ao se perguntar por que todos nós, na sala, tínhamos a pele negra, responderam ser devido a nossa descendência dos escravos.

A presença da fazenda enquanto estrutura social e econômica na consciência dos negros do Limoeiro é tão forte, que estes não se percebem como descendentes de um tronco étnico, mas de uma categoria econômica, de pessoas inteiramente sujeitas, transformadas em objetos, animais. Que pessoas não se envergonhariam de não descender de pessoas, mas de objetos, de animais?

As crianças ao se aceitarem descendentes de africanos, passam a se interessar por histórias de africanos.

A lembrança da escravidão, embora silenciada, está presente no dia a dia: na submissão ao patrão, no trabalhar sem parar, no dar o melhor de si para outros viverem bem, enquanto ele, trabalhador, vive mal. "Trabalhei, como um escravo, só não apanhei", narra um senhor de mais de 70 anos. Histórias daquele tempo, ninguém quer lembrar. Só dizem "negro era que nem animal, era horrível" e mudam de assunto. Ou se chegam a contar, os sacrifícios e torturas dos escravos são evidentes, como na história das Tochas de Fogo (Escola, 1986, p. 17-8) que mostra como até mesmo depois de mortos eram destinados para servir, proteger o senhor.

Recusar-se a falar sobre esse tempo passado-presente não está revelando que a dor da escravidão está viva, as chagas sangrando? A maneira mais simples de aliviar tanta desgraça não tem sido esquecê-la ou fingir que foi esquecida? Marca atual do tempo da escravatura, não será a desunião, que dizem existir entre amigos e parentes que se criaram juntos? Não será isso, ainda, fruto de estratégias destinadas a manter os negros enfraquecidos, enquanto grupo?

E a lembrança da África? Esta parece ter ficado adormecida. Mas não estará presente na força que tem a unidade familiar e os parentes? Na compreensão do trabalho como direção de vida? Na religiosidade, apesar da ausência de igreja e de terreiro, na comunidade?

Conclusões

A descrição contém a compreensão que tiveram a respeito da formação da identidade e da socialização dos negros trabalhadores do Limoeiro, estes e a pesquisadora, enquanto conversaram sobre isso. Tal compreensão não está concluída, ela é feita e refeita na convivência, no dia a dia, pela vida afora.

A leitura da descrição faz perceber que a formação da identidade-socialização dos negros do Limoeiro tem-se feito, principalmente, através do trabalho, para o qual são iniciados na família, recebem reforço na escola, e cuja aprendizagem vão completando, ao longo da vida, como empregados de uma fazenda, no caso dos homens, ou a ela direta ou indiretamente

vinculadas, no caso das mulheres. Trabalho e seu complemento, diversão.

Tanto a identidade econômico-social — trabalhador — quanto a étnica — negro — se põem como identidades de seres humanos oprimidos, espezinhados, que não têm manifestado, abertamente, atitudes visando reverter a situação.

A fazenda, enquanto organização econômica e social, ponte ligando-os com a sociedade mais ampla, estabelece o horizonte em que têm sua identidade formada, são socializados.

O motivo que os impulsiona para formação da identidade, parece ser o de negar ou de esquecer que descendem de escravos, pessoas transformadas em meros instrumentos de produção. O fato de não se dizer negro é mais profundo do que o simples escamoteamento da cor da pele e dos traços físicos, é tentativa de esconder que descendem de pessoas que a sociedade considera não-humanas. O "moreno", produto da miscigenação que segundo Nixon (1986) nada mais é do que "miragem psicológica", estaria salvando-os da não-humanização, por conter em si o humano para a sociedade, o branco.

Ao tentar se humanizar, os negros que não se dizem negros, se desumanizam. Para retomar em suas mãos a direção humana da sua identidade, não basta ter consciência de que vivem cobertos por uma que lhe foi outorgada. É preciso assumir a dor dilacerante de ter sido, e ser ainda escravo e exilado, objeto usado e jogado, e se dispor, com todos os negros, a cavocar a margem brasileira do fosso que nos separa dos avós africanos escravizados e dos irmãos que lá na África estão. Cavocar e cultivar; quanto mais próximos estivermos do fundo do fosso, lugar onde as terras de uma margem e outra contiuram se comunicando, mais humanamente negros seremos. E,

em se tratando de negros trabalhadores, a sua humanização se dará, simultaneamente, enquanto descendentes de uma etnia e pertencentes a uma classe social, conseqüentemente negros e trabalhadores. Assim, se humanizarão, com eles, os fazendeiros, integrantes de grupo único de classe social oposta que lhe faz oposição, como brancos e como patrões.

Enegrecer o mundo, eis nosso motivo. Enegrecer, não como antônimo de embranquecer, portanto, não para absorver o branco.

Enegrecer, maneira própria de os negros se porerem no mundo ao receberem o mundo em si. Enegrecer, face a face em que negro e branco se espelham, se comunicam, sem deixar de ser cada um o que é.

A convivência entre os irmãos de destino, a pesquisadora e as pessoas do Limoeiro, que possibilitou o surgimento deste trabalho, foi um esforço de enegrecimento mútuo, uma capinada, ainda leve, na margem do fosso. Esperamos que os negros que lerem este estudo se integrem ao nosso grupo, nessa capina, e também os brancos. Estes, não como solidários, mas como pessoas que também estão cultivando a sua identidade própria.

Os que se valem de métodos mais formais para fazer ciência, talvez estranhem a forma de expressão deste estudo. A eles, quero explicar que no fazer e refazer de trabalhos a respeito da formação do negro como negro, vou buscando com os sujeitos da pesquisa e com a comunidade científica, a melhor maneira de investigar a questão.

Concluindo: espero que o estudo possa oferecer algum elemento que contribua para melhor compreensão da formação da identidade-socialização dos negros e dos trabalhadores rurais assalariados permanentes, no Brasil.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CABALLERO, H.A.M.S. *Los caminos de la individuación*. Buenos Aires, Centro de Investigación y Acción Educativa, 1983.
- CARVALHO, A.V. de & D'INCAO, M. da C. org. *A reforma agrária — significado e viabilidade*. Petrópolis, Vozes, 1982.
- DUSSEL, H. Racismo, América Latina Negra e teologia da libertação. *Revista de Cultura Vozes*, 76(7):5-24, set., 1972.
- ESCOLA Municipal de 1º Grau Incompleto Cândido de Osório da Rocha. *Histórias do Limoeiro*. Limoeiro, 1986.
- FERNANDES, F. *A questão negra e a sua dimensão social*. São Paulo, 1984. (Palestra proferida no curso de Aprofundamento da Realidade do Negro no Brasil, promovido pelos Agentes de Pastoral Negros)
- FIORI, E.M. *De la educación liberadora*. Panamá, II Seminário da FUCAP, 1971 (mimeo)
- _____. Conscientização e educação. *Educação e Realidade*. Porto Alegre, 11(1):3-10, jan./jun. 1986.
- FORMAN, S. *Camponeses: sua participação no Brasil*. Rio de Janeiro, Paz e Terra, 1979.
- EGERTZ, C. *A interpretação das culturas*. Rio de Janeiro, Zahar, 1978.
- GRAMSCI, A. *Os intelectuais e a organização da cultura*. 4. ed. Rio de Janeiro, Civilização Brasileira, 1982.
- LUIZ, M. do C. et al. A criança (negra) e a educação. *Cadernos de Pesquisa*, São Paulo (31):69-72, dez. 1979.
- MARQUES, M.E.B. *Minha comunidade*. (Texto escrito durante o Curso de Capacitação para Professores Leigos, realizado em Santo Antônio da Patrulha, em janeiro de 1985)
- MERLEAU-PONTY, M. *Phénoménologie de la perception*. Paris, Gallimard, 1945.
- MIRA, J.M.L. *A evangelização do negro no período colonial brasileiro*. São Paulo, Loyola, 1983.
- MOURA, C. *Brasil; raízes do protesto negro*. São Paulo, Global, 1983.
- NIXON, I. *Miscigenação e equalização; mito ou realidade?* Salvador, Bahia, 1986. (Apresentado no XII Conferência anual, Internacional sobre Educação na National Assotiation of Black Workers, em agosto, 1986, em Salvador)
- SILVA, P.B.G. e. Pesquisando como se dá a educação do trabalhador rural. In: Associação de Escolas Superiores de Formação Profissionais do Ensino. *Anais do IV Encontro de Pesquisadores em Educação*. Curitiba, 1986a.
- _____. *Formação do Negro como Negro*. Santa Cruz do Sul, 1986a. (Apresentação no I Seminário sobre Cultura Afro-Brasileiro do Vale do Rio Pardo, em Santa Cruz do Sul, em março de 1986).
- _____. A educação no Limoeiro, uma comunidade de trabalhadores rurais negros. *Educação*, Porto Alegre, Pontifícia Universidade Católica, 9(11):121-132, 1986b.
- SOUZA, N.S. *Tornar-se negro*. Rio de Janeiro, Graal, 1983.
- STHAL, P.H. El si mismo y los otros — algunos ejemplos balcánicos. In: LEVI-STRAUSS, org. *La Identidad*. Barcelona, Petrel, 1981.